
A CIDADE COMO LUGAR DE SEGURANÇA

THE CITY AS A PLACE OF SECURITY

Alexsandro Alves da Silva*

RESUMO

Este artigo tem o propósito de compartilhar concepções bíblicas quanto a cidade e como alcançar possibilidades em meio as impossibilidades, provocadas pelo medo, ansiedade e estresse devido as várias crises vividas no contexto urbano. Para isso nos pautaremos em conceitos que nos nortearão e nos ajudarão a entender o valor da fé bíblica como uma possibilidade libertadora num mundo de opressão. A partir deste contexto, propor a ideia de que uma cidade segura é uma cidade guardada por Deus, o Todo-Poderoso.

Palavras-chave: Segurança. Fé. Deus Todo-Poderoso.

58

ABSTRACT

This article has the purpose of sharing biblical conceptions about the city and how to reach possibilities amid the impossibilities caused by fear, anxiety and stress due to the various crises lived in the urban context. To do so, we will be guided by concepts that will guide us and help us understand the value of biblical faith as a liberating possibility in a world of oppression. From this context, propose the idea that a safe city is a city guarded by God the Almighty.

Keywords: Safety. Faith. Almighty god.

INTRODUÇÃO

Falar em segurança hoje é um assunto extremamente complicado, pois vivemos num mundo de insegurança. Se gasta milhões em segurança doméstica¹, coisa que não se via

* E-mail: alexsandroalve@gmail.com

¹ “A Segurança Corporativa é um dos setores de serviços que mais cresce no país. Com um efetivo superior ao das forças policiais, é, hoje, o quarto maior setor empregador, ficando atrás somente da construção civil, serviços domésticos, limpeza e zeladorias. A arrecadação pelos cofres públicos por conta dos encargos trabalhistas da Segurança Privada já supera o montante recolhido por esses segmentos. Em 2002 o faturamento desse segmento foi de R\$ 7 bilhões, com um crescimento significativo e atraente aos investidores, atingindo no ano de 2013 a cifra de R\$ 43,5 bi e, em 2014, R\$ 46 bi. A expectativa para o ano de 2015 é de R\$ 50 bi, com

antigamente, quando o que garantia uma noite tranquila era apenas uma “travessa” ou uma “travessa” na porta e janelas antes de dormir.

O mundo hoje está inseguro. Cada dia que passa, segundo o que vemos nos jornais e revistas é que, parece que estamos nos aproximando de mais uma grande guerra. Poucos dias atrás o mundo se horrorizou com mais um atentado, onde mais pessoas inocentes foram mortas na cidade de Paris, França, inclusive brasileiros foram vítimas². O terrorismo deixa de ser uma fatalidade que atinge gente de longe e agora aterroriza o mundo inteiro, inclusive nossos concidadãos.

Nosso objetivo é tratar a questão da insegurança da cidade partir de uma pesquisa bíblico-teológica, alinhando com outros autores, apontando algumas orientações que nos leve, primeiramente a entender as atitudes negativas provocadoras do medo e da insegurança da vida urbana, depois propor a fé no Senhor Todo-Poderoso como recurso para uma vida mais sóbria e motivada frente aos desafios criados pela insegurança vivida na cidade.

1 A CIDADE

Se quisermos lançar novos alicerces para a vida urbana, cumpre-nos compreender a natureza histórica da cidade e distinguir entre suas funções originais aquelas que dela emergiam e aquelas que podem ser ainda invocadas. (MUMFORD, 1965, p.11)

A cidade pode ser vista como resultado de um processo humano capaz de reunir grupos de pessoas, oferecendo aos mesmos o suprimento básico para vida, principalmente alimento e proteção. Tendo como base os escritos de J.J. Palen, em seu livro *O mundo Urbano*, aprendemos várias questões sobre o processo de formação das cidades em seus primórdios.

Antes que a revolução urbana pudesse ter lugar, era necessária uma revolução agrícola. Apenas quando o sistema agrícola foi capaz de produzir excedentes é que foi possível retirar uma parte da mão-de-obra da produção de alimentos e aplica-la a produção de outros bens. O tamanho da população urbana estava, portanto, relacionado diretamente à eficiência dos agricultores; e a agricultura continuou primitiva durante milênios. (PALEN, 1975, p. 27)

um efetivo de aproximadamente dois milhões de trabalhadores formados pelas escolas especializadas e regularizados com as exigências do Ministério da Justiça.” (<http://agenda2020.com.br/2015/01/seguranca-privada-cresce-no-mercado-brasileiro/>)

² <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/11/14/passam-bem-os-tres-brasileiros-vitimasdos-atentados-em-paris.htm>

As sociedades nômades não podiam produzir ou acumular mais riquezas do que podiam transportar. Mas, à partir da descoberta das, até então, rudimentares técnicas agrícolas, o homem pôde pensar no futuro: “a agricultura tornava possível guardar os excedentes”.(PALEN, 1975, p.29)

Assim, passamos a ter noção de como se dá, na perspectiva histórica o processo da formação das cidades em seus primórdios, em que as pessoas deixam a vida comunitária no contexto nômade para se estabelecer em uma determinada região, e ali, à partir do seu povo, buscarem todo recurso necessário para se manterem e se desenvolverem. Somente com o desenvolvimento de técnicas de plantio, colheita e armazenamento, foi que o homem alcançou esta capacidade de se fixar em uma localidade.

Para isto, o homem descobriu que era necessário que sua localização fosse estrategicamente próxima de águas, minas ou rios, para que pudessem assistir seus familiares e animais:

Por isso, estas (cidades) apareceram dentro de quadros naturais, que facilitavam a solução dos problemas mencionados, isto é, apareceram às margens dos grandes rios, tais como o Nilo, o Tigre, o Eufrates e, mais tarde o Tibre, o Sena, o Tâmsa. Os vales fluviais ofereciam possibilidades de cultura para a alimentação de populações mais numerosas, proporcionavam um transporte fácil, o abastecimento de água e, em muitos casos, uma defesa natural contra invasores. (ÁVILA, 1993, p.79)

60

Portanto a história nos mostra que, quando um lugar se torna propício a um povo, passa a ser de interesse de vários povos. Neste caso para manter-se nele e continuar desfrutando de suas benéncias era preciso se precaver, na maior parte do tempo, lutar, e assim, permanecer na região conquistada, e a convivência com a insegurança passou a ser presente na vida das cidades.

2 CIDADE NO CONTEXTO BÍBLICO

A cidade está presente na Bíblia, de Gênesis à Apocalipse, e há sempre algo especial e relevante relacionado a ela. A cidade é a manifestação de um povo, quer seja moral ou espiritual, elas “possuem virtudes ou defeitos de caráter. Em parte isso se deve ao fato de que muitas vezes a palavra “cidade” na verdade representa o que são seus habitantes”. (ARCHER, 1998, p.1111)

Para nosso estudo tomaremos o termo hebraico, רַי [(*îr*), como referência, assim, buscar algumas aplicações e desafios que ele nos traz. רַי [(*îr*) segundo James Strong (2002), o termo pode ser traduzido como um lugar de vigilância, onde tudo e todos que estão juntos, nesta cidade estão protegidos por vigias/guardas.

רַי [(*îr*), indica um povoado permanente sem referência a tamanho ou situação política. A diferença entre a cidade e a aldeia é que רַי [tinha muros, por sua vez as aldeias se localizam próximas aos campos agrícolas e em tempo de guerras e ataques, dependiam da proteção da cidade. Apesar da LXX (Septuaginta, tradução do AT hebraico para grego) traduzir רַי [por πόλις (*polis*), a ideia básica de cidade no contexto sócio literário é bem diferente, pois *polis* é, fundamentalmente, uma instituição política, e רַי [destina-se a definir um *lugar de proteção*.

Neste contexto, vemos que a ideia principal para cidade repousava quanto a resistência que suas fortificações podiam oferecer aos agressores, tornando-se um refúgio e proteção aos seus moradores. (ARCHER, 1998, p.1111)

A primeira cidade citada na bíblia é **Enoque**. Enoque foi filho de Caim (= posse), o filho assassino, que matou o próprio irmão, Abel, e por isso foi condenado a não mais gozar da presença de seus progenitores, Adão e Eva, e foi banido da família por causa do seu ato criminoso.

Foi para terra de **Node**, ao oriente do Jardim do Éden, e ali se uniu a uma mulher, teve o filho que deu nome a cidade (רַי [) citada.

“Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque, o nome de seu filho”. (Gênesis 4.17)

Qual foi o desejo de Caim ao colocar o nome de seu filho na cidade que formou? Enoque significa dedicado, no sentido de ser ofertado a alguém, oferecida a uma pessoa. Pelo que indica, a fundação desta cidade fortificada servia para proteger sua posteridade a qual é representada pelo nome de seu primogênito, **Enoque**, que traz em seu próprio nome o sentido de ser ou estar sendo dedicado, oferecido, destinado ao propósito de preservação.

Outra cidade que se destaca é **Babel**. No capítulo 10 de Gênesis são citados os filhos de Noé e os filhos dos seus filhos e sua linhagem, nos versos 10-12, prenuncia a formação de

várias cidades fundadas pelo grande caçador **Ninrode**³, o qual foi grande diante do Senhor, diz o texto:

O princípio do seu reino foi **Babel, Ereque, Acade e Calné**, na terra de Sinar. Daquela terra saiu ele para a **Assíria** e edificou **Nínive, Reobote-Ir e Calá**. E, entre **Nínive** e Calá, a grande cidade de **Resém**. (Gn 10.10-12)

No cap. 11.1-9, acontece um dos eventos mais conhecidos da Bíblia que é a construção da Torre de Babel. Babel, como citamos acima, era uma das cidades do reino de Ninrode, e foi esta cidade, a qual os homens intentaram um grande projeto egocêntrico, que foi reprovado por Deus, pois estavam deturpando o lugar de proteção em um lugar de auto exaltação. Derek Kidner (1999, p.104), ao comentar este episódio, diz:

Na Bíblia, esta cidade (Babel) veio a simbolizar crescentemente a sociedade ateuista, com suas pretensões, perseguições (Dn 3), prazeres, pecados e superstições (Is 47.8-13), suas riquezas e sua eventual ruína (Ap caps. 17-18). Uma de suas glórias foi seu enorme ziggurat, montanha artificial encimada por um templo cujo nome, Etemenanki, sugeria a ligação de céu e terra. Mas foram os seus pecados que “se acumularam até ao céu” (Ap 18.5). No Apocalipse ela é contrastada com a santa cidade que desce “do céu”, cujas portas abertas unem as nações (Ap 21.10,24-27).

62

Já, para Frederico Dattler (1994, p.91), analisando Babel e sua torre numa perspectiva mais literária, nos aponta a seguinte questão:

O redator final inseriu a história neste lugar, no fim de tanta variedade de episódios para, depois de explicar tantos outros fenômenos da civilização humana, fornecer uma justificativa plausível também do fenômeno da multiplicidade das línguas, tão estranho e prejudicial, que não podia corresponder ao plano divino.

Babel, portanto, simboliza um divisor de águas para história da humanidade, em que não só as línguas se confundem, mas ela revela a intenção do caráter humano, quanto ao seu desejo de usar os benefícios de Deus para ser igual a Deus, no sentido de ser independente Dele, se voltando contra ele em rebeldia e dando o lugar de exclusividade Dele para um outro ser qualquer.

Este é o princípio pecaminoso tornar a cidade, que tinha como projeto original ser um lugar de proteção, para se tornar um lugar de confusão. Babel é pretensão e simboliza confusão, como maldição àqueles que desejam chegar ao lugar de Deus por suas próprias mãos (VELTH, 1999, p.113), assim foi com Satanás, bem como com Adão e Eva no Éden

³ **Ninrode** = "rebelião" ou "o valente" 1), filho de Cush, neto de Cam, e bisneto de Noé; poderoso caçador, ele estabeleceu um império na área da Babilônia e Assíria

(Gn 3). Como consequência do seu intento Satanás é lançado fora da presença de Deus (Is 14.11-23; Ez 28.11-19), e o homem e a mulher são expulsos do Jardim por desejarem ser “iguais a Deus” (Gn 3.5).

Passamos agora a discorrer alguns textos bíblicos que nos trazem a perspectiva da cidade como lugar seguro ou inseguro a partir da relação de fé e fidelidade com o Senhor Deus Todo-Poderoso e Criador.

Em Deuteronômio 3.1-5 vemos que as cidades fortificadas por muros e muralhas não puderam suportar a ação invisível de Deus por meio da vida de Moisés e de seu povo, e as nações inimigas foram subjugadas:

- 1 Depois, nos viramos e subimos o caminho de Basã; e Ogue, rei de Basã, nos saiu ao encontro, ele e todo o seu povo, à peleja em Edrei.
- 2 Então, o SENHOR me disse: Não temas, porque a ele, e todo o seu povo, e sua terra dei na tua mão; e far-lhe-ás como fizeste a Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom.
- 3 Deu-nos o SENHOR, nosso Deus, em nossas mãos também a Ogue, rei de Basã, e a todo o seu povo; e ferimo-lo, até que lhe não ficou nenhum sobrevivente.
- 4 **Nesse tempo, tomamos todas as suas cidades;** nenhuma cidade houve que lhe não tomássemos: sessenta cidades, toda a região de Argobe, o reino de Ogue, em Basã.
- 5 Todas estas cidades eram fortificadas com altos **muros**, portas e ferrolhos; tomamos também outras muitas cidades, que eram sem **muros**.

63

No entanto, o mesmo Senhor os alerta que se eles não permanecessem em obediência e fidelidade à Aliança proposta, pois eles mesmos sofreriam as consequências da rebeldia e da apostasia:

Sitiar-te-á em todas as tuas cidades, até que venham a cair, em toda a tua terra, os altos e fortes **muros** em que confiavas; e te sitiará em todas as tuas cidades, em toda a terra que o SENHOR, teu Deus, te deu. Dt 28.52

Infelizmente é, exatamente, o que vemos acontecer, no ano 586 a.C., quando Jerusalém, a Cidade de Deus, é invadida pela nação Babilônica, no Reinado de Zedequias, narrada no segundo livro dos Reis:

- 8 No sétimo dia do quinto mês, do ano décimo nono de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nebuzaradã, chefe da guarda e servidor do rei da Babilônia, veio a Jerusalém.
- 9 E queimou a Casa do SENHOR e a casa do rei, como também todas as casas de Jerusalém; também entregou às chamas todos os edifícios importantes.

10 Todo o exército dos caldeus que estava com o chefe da guarda derribou os **muros** em redor de Jerusalém... 2Rs 25.8-10

E no ano 538 a.C., com a volta do cativo babilônico à Jerusalém, inicia-se o processo de restauração da cidade, quando Deus levanta Neemias, semelhantemente ao que já havia feito no passado através de Moisés, e a cidade começa a ser reconstruída, tendo como primeira etapa o levantamento de seus muros e também o Templo. Neemias recebe a notícia da situação da cidade, no primeiro momento, com tristeza, mas a tristeza se torna para ele motivação e a missão de sua vida:

3 Disseram-me: Os restantes, que não foram levados para o exílio e se acham lá na província, estão em grande miséria e desprezo; os **muros** de Jerusalém estão derribados, e as suas portas, queimadas.

4 Tendo eu ouvido estas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus. Ne 1.3

17 Então, lhes disse: Estais vendo a miséria em que estamos, Jerusalém assolada, e as suas portas, queimadas; vinde, pois, reedifiquemos os **muros** de Jerusalém e deixemos de ser opróbrio.

Ne 2.17 27

Na dedicação dos **muros** de Jerusalém, procuraram aos levitas de todos os seus lugares, para fazê-los vir a fim de que fizessem a dedicação com alegria, louvores, canto, címbalos, alaúdes e harpas. Ne 12.27

Portanto, passamos a ver que a segurança e a dignidade da cidade é evidenciada pela presença de seus muros. Uma cidade sem muros é uma cidade desprotegida, incapaz de oferecer cuidado e proteção. Quando Neemias reconstrói os muros de Jerusalém, ele está fazendo mais do que amontoando pedras, ele está restaurando a identidade e o *status* dela como um lugar guardado e protegido, capaz de salvar a todos os que adentram seus portões, portanto, uma ação digna de festa!

A fortificação das cidades tem sequência nos profetas, e em particular, Isaías, o qual nos fala sobre o significado dos muros numa perspectiva teológica, ou seja, a resistência dos muros de pedra estava ligada diretamente a relação de fidelidade que o povo estabelecia com o seu Deus:

1 Naquele dia, se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte; Deus lhe põe a salvação por **muros** e baluartes.

2 Abri vós as portas, para que entre a nação justa, que guarda a fidelidade.

3 Tu, SENHOR, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti.

4 Confiai no SENHOR perpetuamente, porque o SENHOR Deus é uma rocha eterna;

5 porque ele abate os que habitam no alto, na cidade elevada; abate-a, humilha-a até à terra e até ao pó. (Is 26.1-5)

No capítulo 60, quando o Senhor traz a promessa de juntar novamente seu povo e reuni-los num só lugar; lugar de prosperidade, ele falade um lugar com muros e portas: Nunca mais se ouvirá de violência na tua terra, de desolação ou ruínas, nos teus limites; mas aos teus **muros** chamarás Salvação, e às tuas portas, Louvor. (Is 60.18)

No entanto, os muros ganham novo sentido, pois trazem a ideia de uma salvação muito mais ampla do que somente proteção em tempos de perigo, mas uma constante salvação para todos os dias, num sentido de “paz na vida e vida em paz”, bem estar, qualidade de vida e satisfação, por isso suas portas se chamarão “louvor”. Desta maneira determinaremos nossas citações, fazendo menção a cidade Santa, a Nova Jerusalém de Apocalipse, a qual também tem muros:

- 9 Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro;
- 10 e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus,
- 11 a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina.
- 12 Tinha grande e alta **muralha**, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.
- 13 Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste.
- 14 A **muralha** da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.
- 15 Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua **muralha**.
- 16 A cidade é quadrangular, de comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais.
- 17 Mediu também a sua **muralha**, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo.
- 18 A estrutura da **muralha** é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido.
- 19 Os fundamentos da **muralha** da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda;
- 20 o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista.
- 21 As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.
- 22 Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.
- 23 A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

- 24 As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.
25 As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite.
26 E lhe trarão a glória e a honra das nações.
27 Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro. (Ap 21.9-27)

É evidente que os muros da cidade não servem para proteger de guerras e inimigos, mas funciona como uma delimitação que ajunta os fiéis, os que têm o nome no Livro da Vida, e a proteção, neste caso, tem um viés litúrgico, no sentido de manter a santidade e sua integridade da Cidade, logo a prática da abominação e a mentira⁴ não entrarão, justamente por se oporem aos elementos citados anteriormente.

2.1 Cidade: quem te dá segurança?

Retomando a perspectiva da cidade (רַי) como um lugar guardado por um vigia ou guarda, bem como lugar protegido por muros, apresentamos o Salmo 127.1-2, como referência para darmos mais um passo no estudo deste termo, רַי[:

66

- 1 Se o SENHOR não **edificar** a casa, em vão **trabalham** os que a edificam; se o SENHOR não **guardar a cidade**, em vão **vigia a sentinela**.
2 Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão que penosamente granjeastes; aos seus amados ele o dá enquanto dormem.

A poesia hebraica neste texto, enquanto recurso didático e estético. O autor se utiliza do **paralelismo antitético**, onde a mensagem se expressa pela oposição ou pelo contraste entre duas ideias ou imagens poéticas, ou seja, o contraponto reforça as ideias fundamentais do texto.

O salmista quer enfatizar a pessoa do “Senhor/Jeová”⁵ (hw"hoj>) como razão de todas as coisas, neste caso, do sustento e da segurança, tanto do indivíduo como da cidade onde o indivíduo reside. Ao nos dizer que, se o Senhor não edificar a casa os trabalhadores trabalham em vão, conduzindo o leitor ao entendimento de que somente Jeová pode,

⁴ PRIGENTE (1993, p.406), define a abominação e a mentira dizendo, “trata-se de uma conduta que se mancha ao pactuar com a idolatria”, que era o culto ao Imperador Romano.

⁵ Wolff, traz a seguinte definição para hwhy: *Eu me revelo como aquele que se revela, ou eu aquele se põe a trabalhar...* evocando seu agir na história do mundo. (WOLFF, 1978, pág. 20)

efetivamente, fazer o que o ser humano quer realizar, pois Jeová, **Aquele que é**, é o nome do verdadeiro Deus, e sobre esta verdade afirmar que Ele pode. Portanto, depender Dele é a segurança que tem a seu favor aqueles que Nele confiam, enquanto que tentar sem ele é cansa e enfado.

Este Salmo faz parte de um conjunto maior chamado de Cânticos de Romagem (120-134), que são canções entoadas enquanto os peregrinos caminham em direção a Jerusalém, onde se encontrarão com seu Deus, prestando-lhe culto, e festejando com seus irmãos, celebrando a paz no lugar que tem como possível tradução, “fundamento da paz” (~li;v'Wry>).

Jerusalém é o destino, e enquanto caminhavam, ia-se cantando as virtudes da Cidade que Deus e do Deus desta Cidade, que Ele mesmo escolheu para sua morada, essa é a ideia contida nestes salmos. Jerusalém aparece como povoamento urbano no início com os cananeus na Idade do Bronze Antigo (3-2 mil A.C.).

Ela é escolhida, estrategicamente, para ser lugar de aglomeração e ajuntamento de cidadãos, por causa dos entroncamentos de suas rotas, bem como proporcionar vantagem militar devido sua altitude (Monte Sião), e as fontes de águas de Giom, no vale de Cedrom, mas, se torna a cidade da habitação de Deus, quando Salomão edifica o Templo, cf. **1Rs 8.13**, “... edifiquei uma casa para tua morada, lugar para a tua eterna habitação.” Ou como se lê no **Salmo 132.13-14**: “Pois o SENHOR escolheu a Sião, preferiu-a por sua morada: Este é para sempre o lugar do meu repouso [...]”

Portanto, para o povo que caminha e canta, cujo coração está voltado para cidade do Monte Sião, relembram, em forma de canção, que há segurança para aqueles que habitam em Jerusalém, pois quem os guarda não são seus vigias/sentinelas, nem mesmo seus muros, mas “o Senhor que guarda a cidade” (Sl 127.1b).

O versículo 2, do salmo citado, arremata a ideia da provisão de Jeová, por meio de uma declaração de fé enfática, mostrando que a proteção, zelo e cuidado de Deus para com os seus, até quando estes descansam. Portanto, se faz necessário ser prolixo afirmação, dizendo que a proteção da cidade não vem da atenção e zelo por parte da sentinela que caminhava atentamente no alto dos muros, mas do Senhor que realmente pode proteger, guardando a cidade de todo perigo eminente.

3 NOSSA CIDADE E A NOSSA SEGURANÇA

Durante nosso estudo até aqui, chegamos à algumas conclusões interessantes, mas a principal delas é que nossa dependência de Deus como nosso protetor, e as promessas encontradas em sua Palavra, a Bíblia Sagrada, é que nos dá melhor suporte, não de uma segurança física, mas sobretudo de uma segurança emocional, bem como a convicção que Ele sempre estará aos nosso lado e sempre que necessário nos protegerá,

9 Pois disseste: O SENHOR é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada.

10 Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda.

11 Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Sl 91.9-11

As cidades são definidas pelos limites impostos aos seus cidadãos, e os muros são a representação visível de uma realidade mascarada marcada por dois elementos fortemente presentes: o lucro e o medo.

Quando passamos a ver a cidade como a consequência de seus moradores, ou como representação de seus cidadãos (retomando uma definição já expressa neste artigo), passamos a entender os princípios que a regem.

Por exemplo, o chamado neoliberalismo, “criou um novo sistema de governança que integra o Estado aos interesses corporativos” (HARVEY, 2008, pág. 86), isso significa que o próprio Estado, muitas vezes, está a serviço das grandes corporações propiciando grandes oportunidades de lucro em detrimento do bem-estar da sua população, causando uma inversão de valores, pois aquele deveria cuidar/zelar dos que se encontram em condição desprivilegiada financeiramente ou em situação de risco, oferece todo aparato as grandes construtoras e outras empresas, fazendo do pobre mais pobre, e, da periferia mais marginalizada. Harvey faz uma crítica muito séria a respeito, dizendo:

O direito à cidade, como ele está constituído agora, está extremamente confinado, restrito na maioria dos casos à pequena elite política e econômica, que está em posição de moldar as cidades cada vez mais ao seu gosto. (HARVEY, 2008, p.87)

Isso gera, além das crises sociais, patologias, como a cultura do medo, a qual é fruto de uma sociedade que busca o lucro e o acúmulo de riquezas, numa luta desigual que beneficia poucos e prejudica muitos, tornando, por exemplo, um país como o Brasil, dono de tantas riquezas, ser uma nação de desigualdade social. Nosso país tem “uma população de

miseráveis estimada em 10,5 milhões de brasileiros (IBGE 2010), equivalente ao Estado do Paraná, os quais vivem em domicílios com renda familiar de até R\$ 39 mensais por pessoa”.⁶ Logo retomamos um princípio citado por David Harvey (2008, pág.73) que diz: “... a cidade é o mundo que o homem criou, doravante ela é o mundo onde ele está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo.”

Toda essa situação gera crise, fazendo com que nos dividamos entre o protesto ou à apatia, sendo que o segundo está muito mais presente em nossas vidas, com bem definiu Bauman (2009, p.76), quando afirma que

[...] desejamos recortar para nós um lugarzinho suficientemente confortável, acolhedor, seguro, num mundo que se mostra selvagem, imprevisível, ameaçador; de resistir à corrente, buscando proteção contra forças externas que parecem invencíveis e que não podemos controlar, nem deter, e menos ainda impedir que cheguem perto de nossas casas, de nossas ruas.

Harvey (2008, p.86), cita um exemplo muito interessante ao falar sobre uma situação acontecida na Inglaterra, veja:

69

O último efeito da privatização da habitação social, de Margareth Thatcher, foi criar uma estrutura de renda e preço por toda a região metropolitana de Londres que impede o acesso de pessoas de baixa renda, até mesmo da classe média, à acomodação em qualquer lugar próximo ao centro urbano.

Esse exemplo é um dos muitos extremos presentes no mundo. Nesta perspectiva, gostaria de citar duas ideias apresentadas por Bauman, as quais elucidam ainda mais nosso estudo.

A primeira nos fala dos chamados “espaços vedados”, ou seja, lugares onde um grupo de pessoas se reúne para buscar proteção e uma condição de vida junto aos seus iguais, e a segunda ideia, é a consequência deste estilo de vida em espaços vedados, que é denominado por ele como “mixofobia”, pode ser entendida como a situação de estresse e ansiedade provocada pelo convívio com pessoas com padrão de vida diferente aos nossos, assim definido por ele como “estrangeiro”. Para ele a mixofobia é entendida:

Nesse caso, viver com estrangeiros é uma experiência que gera muita ansiedade. Por conseguinte, é melhor evitar essa experiência, e muitas pessoas resolveram

⁶ <http://www.brasil247.com/pt/247/economia/5168/Brasil-ainda-tem-165-milh%C3%B5es-demiser%C3%A1veis-ibge-censo.htm>

transmitir esse "instinto de evitar" às gerações futuras, colocando seus filhos em escolas segregadas, em que podem viver imunes a esse mundo horrendo, ao impacto assustador de outras crianças provenientes de "famílias do tipo errado". (BAUMAN, 2009, p. 86)

Creio que seja exatamente assim que estamos construindo nossas relações interpessoais. A cidade que temos construída tem sido um ambiente de crise, de ansiedade, de medo, de insegurança. Os muros já não tem o poder de garantir tranquilidade, as cercas elétricas já não produzem o mesmo efeito, e estamos a cada dia mais distantes uns dos outros.

Somos humanos, dividimos o mesmo espaço, mas os princípios em que temos sido formados como cidadãos nos separam, e muitas vezes nos condicionam a sermos rivais, vivendo como animais num reino de predadores, num realidade hostil que nos amedrontam, e os muros dos grandes condomínios, as grandes das casas, e as portarias cheias tecnologias avançadas, o que nos garantem? Nos concedem a devida proteção que tanto almejamos?

Como já alinhamos alguns textos bíblicos, e citamos algumas ideias importantes de pessoas que tem pensado nossa sociedade, os muros são uma tentativa de expressar nossa indisposição de aproximação com o outro. No entanto, a segurança não foi garantida antes, e nem é garantida hoje. Os muros servem para cercarem nossa maneira de viver, nos dar privacidade, nos propiciais o direito de expressar nossas crenças e estilo de vida, mas não garantem proteção.

70

As cidades não são mais muradas como no passado, mas as vidas estão cercadas, num medo constante em relação aos diferentes, sem notarmos que somos tão diferentes aos outros, quantos eles os são a nós.

Fica para nós o apelo do Salmo 127, o qual nos ensina que a segurança e a proteção não vêm dos muros altos, nem dos guardas que vigiam de cima deles, mas o Senhor que está acima de todas as coisas, de todo medo, de toda insegurança, acima de tudo e de todos, Dele nos vem o socorro, pois Ele é nosso refúgio e fortaleza, o socorro bem presente na hora da angústia. (Salmo 46.1)

... *“se o SENHOR não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela”*. **Salmo 127.1a**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade em sua formação nos apresenta um ajuntamento de pessoas que desenvolveram técnicas de sobrevivência e partilha. Aprenderam a construir estratégias de proteção, se tornaram capazes de levantar muros altos e fortes, assim como seus adversários aprenderam a derribar grandes fortificações.

Nos dias de hoje há no mercado as melhores tecnologias de segurança, onde os muros e grandes são itens elementares na proteção das grandes e pequenas edificações. Homens são preparados para serem os melhores guardadores de portentosas personalidades. Mas, pessoas ainda são assaltadas e sequestradas; casas são arrombadas, fechaduras são violadas, alarmes são desarmadas e a insegurança cresce nas cidades.

Portanto o pensar bíblico-teológico sempre nos apontará para o Senhor Todo-Poderoso como Criador e Salvador da vida, e por isso, sempre será referência de segurança para todo aquele que a Ele clamar. Em tempos de estresse e ansiedade provocados por um mundo cercado de perigos, povoado por oportunistas, bem como violência de todo tipo, a mensagem da fé se torna, mais que uma alternativa, mas um caminho de salvação e esperança.

A busca pelo Deus Todo-Poderoso é o que nos fortalece para o enfrentamento das crises provocadas pelas injustiças sociais, e é o que nos garante esperança para uma vida mais tranquila e motivada. Guardando sempre a palavra do Senhor que nos diz: *Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.* João 16.33

REFERÊNCIAS

ALLEN, J. J. von. **Vocabulário bíblico**. 3. ed. São Paulo: ASTE – Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 2001.

ARCHER JR., Gleason L.; HARRIS, R. Laird; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena enciclopédia de doutrina social da igreja**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

BAUMAN, Zigmund. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

DATTLER, Frederico. **Gênesis**: Texto e Comentário. São Paulo: Paulinas, 1984.

HARVEY, David. “The right to the city”. Artigo publicado pela New Left Review, n. 53, 2008. Traduzido por **Jair Pinheiro**, professor da FFC/UNESP/ Marília.

KIDNER, Derek. **Gênesis**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004.

MUMFORD, L. A. **Cidade na história**: suas origens, transformações, suas perspectivas. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965. v. 1 .

PALEN, J. John. **O mundo urbano**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

VELTH, Gene Edward Jr. **Tempos pós-modernos**: uma avaliação do pensamento e da cultura da nossa época. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

WOLFF, Hans Walter. **Antigo Testamento**: introdução aos escritos e aos métodos de estudo. São Paulo: Paulinas, 1978.